

Odisseu e Melântio *

RICK M. NEWTON
Kent State University

Tradução: Leonardo Teixeira de Oliveira, 2006

Em uma breve nota em seu *The Theme of Mutilation of the Corpse in the Iliad*, Charles Segal classifica a mutilação de Melântio (*Od.* 22.474-77) como uma insignificante exceção à prática homérica¹. Na *Ilíada*, Segal observa, ameaças de ultraje a um corpo ocorrem “em contextos onde há uma notável consciência de crueldade e violência”. Pode-se pensar prontamente nas muitas cenas ardentes do poema em que um guerreiro, dominado pela carnificina da batalha, jura deixar o corpo de seu oponente como pasto para cães e aves. Da mesma forma, na *Odisséia*, a ameaça dos pretendentes de jogar o corpo de Eumeu aos cães e abutres (21.363f) e seu plano de mandar o receoso Iro para ser mutilado por Équeto, o ogro (18.84-87, 115f), ocorrem em cenas que enfatizam a violência sem lei desses intrusos na casa de Odisseu. Mas o contexto de *Od.* 22 não fornece nenhum cenário violento que pudesse preparar o leitor ou ouvinte à imprevista amputação do nariz, orelhas, mãos e pés de Melântio e o lançamento de suas genitais cortadas “aos cães para que as comessem cruas”. Pelo contrário, apenas 60 linhas antes Odisseu havia reprimido uma jubilante Euricléia por se exaltar diante da visão dos corpos dos pretendentes. “Goza calada”, ordena ele, “pois é sacrilégio mostrar alegria ante um corpo sem vida. Foi o destino dos deuses e seus próprios delitos que trouxeram esses homens à ruína” (22.411-413). Seguindo à risca esta reprimenda, a depravação mostrada a seguir diante de Melântio é realmente enigmática e desorientadora. Pareceria negar a eloqüente defesa de W. B. Stanford desse herói como “um homem bem integrado tanto em seu próprio temperamento quanto em seu meio, (...)”

* NEWTON, Rick M. “Odysseus and Melanthius”. In: *Greek, Roman and Byzantine Studies*, No. 38, pp. 5-18 (Spring, 1997).

¹ *Mnemosyne* Suppl. 17 (Leiden 1971: daqui em diante 'Segal') 14 n.2.

[alguém] essencialmente auto-centrado, completamente hábil em controlar paixões e motivos conflitantes”².

Tão curiosa quanto a execução em si, contudo, é a distância emocional que separa Odisseu da atrocidade. Melântio é assassinado não por Odisseu, mas por seus dois fiéis serventes, Filécio e Eumeu, juntamente de Telêmaco. O poema não declara explicitamente que Odisseu ordenou a execução. Por essa razão, tem sido proposto que a idéia de punir Melântio se origina com “o porqueiro, o vaqueiro, e talvez – embora não seja esperado – Telêmaco. (...) Odisseu, ele próprio, (...) dessa forma, não teve parte nas barbaridades, que são mais bem escusadas como a vingança dos empregados contra um empregado traidor”³. A partir dessa leitura, a violência executada sobre Melântio seria a expressão da falta de nobreza da classe dos serventes. Mas tal exposição é improvável por duas razões.

Primeiro, não há qualquer indício de que Telêmaco esteja excluído. Depois dos três acatarem as ordens de Odisseu para executarem as criadas, eles imediatamente voltam suas atenções a Melântio. Podemos esperar, portanto, embora não possamos assumir, que Telêmaco não se exime neste ponto: os verbos aparecem no número plural, e não dual⁴.

Segundo, a maneira direta com que os homens procedem a partir das criadas até Melântio, sem discutirem os meios, sugere que eles ainda estavam seguindo as instruções de seu patrão. Apenas depois de matar o pastor de cabras eles lavam as mãos e os pés do sangue e relatam a Odisseu que “o trabalho foi concluído” (22.479).

² W. B. Stanford, *The Ulysses Theme* (Oxford 1962) 77. Na mesma página, Stanford defende o Odisseu homérico da acusação de que este herói atípico seria “um homem distraído por conflitos psicológicos e atormentado por tensões sociais”. De acordo com M. FERNANDEZ-GALIANO, in: J. Russo, M. Fernandez-Galiano, e A. Heubeck, *A Commentary on Homer's Odyssey, III: Books XVII-XXIV* (Oxford 1992: daqui em diante ‘Fernandez-Galiano’) 304, “as quatro linhas [descrevendo a execução de Melântio] parecem um caso de interpolação”.

³ W. B. Stanford, *The Odyssey of Homer* (New York 1965) ad 22.474-77.

⁴ Também vale mencionar que, apesar dos preconceitos pró-aristocráticos de críticos modernos, os empregados na *Od.* não são *ipso facto* de caráter ignóbil. O castigo de Odisseu para o jovem feácio Euríalo (8.166-85) mostra que os nobres não estão necessariamente acima da rudeza e do comportamento vil. O humilde Eumeu, conforme aprendemos (15.413), é filho de um rei. Sobre a intrínseca nobreza de caráter dos fiéis empregados de Odisseu, ver D. Olson, “Servants’ Suggestions in Homer’s *Odyssey*”, *CJ* 87 (1992) 219-27.

Embora o poema não registre explicitamente as instruções de Odisseu aos homens, suas ordens em 22.176 para atarem as mãos e pés de Melântio e o hastearem em uma coluna na câmara “de forma que ele lá fique a penar muito tempo indizíveis tormentos” certamente sugerem a Telêmaco e a seus assistentes que Odisseu reserva um tratamento especial para ele. Tal procedimento de atar e suspender um cativo a partir de uma viga ou alicerce é um prelúdio padrão em torturas de execução, tanto em contextos literários quanto históricos⁵. O texto de Homero, portanto, indica tática mas claramente que Odisseu dá início à punição enquanto mantém, literalmente, suas mãos limpas da violência. O herói está envolvido na execução, mas emocionalmente despojado. O silêncio que ele impõe a Euricléia torna claro ao leitor e ouvinte que ele não sente prazer com esta ação. A punição de Melântio é simplesmente algo que deve ser feito⁶.

⁵ Cf. *Il.* 21.453ff (a intenção de Laomedonte de torturar Apolo e Posido); *Soph. Aj.* 106-10 (o tratamento de Ajax para o carneiro que ele toma por Odisseu); *Plut. Per.* 28 (o tratamento de Péricles para os líderes da revolta samiana).

⁶ Permanece obscuro por que, entre as formas disponíveis de tortura, Melântio é sujeito à execução pela amputação das suas extremidades. De acordo com o relato de Antínoo (21.295-304), a embriaguez de Eurício, o Centauro, em um banquete dos Lápitás resultou em um comportamento ultrajante, que o levou a ser jogado no pórtico e ter suas orelhas e nariz cortados com uma faca. A história sugere que essa forma de punição pode ser infligida por um anfitrião em hóspedes refratários como um meio de restaurar a dignidade da reunião. O bêbado Eurício estava fora de controle (21.298), e sua punição deve ser interpretada como um ato de afirmação pelo chefe da casa reivindicando o controle da festa. A história de Antínoo como um alerta ao disfarçado Odisseu por tentar se armar com um arco é consistente com esta sugestão. Antínoo, agindo como líder do banquete, usa a história de Eurício como uma maneira de manter o mendigo estrangeiro em seu lugar apropriado. É significativo, portanto, que o alerta de Antínoo a Odisseu seja ouvido por acaso e então contrariado por Penélope, que lembra o pressuposto chefe de cerimônias de que é impróprio que os hóspedes de Telêmaco (21.313) sejam tratados dessa maneira. As ameaças dos pretendentes de mandarem Iro a um navio para Équeto, o ogro (18.84-87), ocorrem em um contexto similar. A expulsão deste mendigo pelo Odisseu disfarçado para o pórtico restaura a ordem da festa. Antínoo, agindo como mestre de cerimônias, cumprimenta o novo mendigo com um grande estômago carregado de muita gordura e sangue, enquanto ameaça mandar Iro para ser mutilado. Essa ameaça deixa evidente a ilusão de Antínoo de que ele seja o chefe da festa em uma casa onde ele é, atualmente, um hóspede que não foi convidado. A execução de Melântio, interessantemente, ocorre dentro de um contexto de restauração do decoro da casa. Apenas depois das criadas terem esfregado as mesas manchadas de sangue (um detalhe sugestivo das preparações de um banquete), e “restaurado a ordem de todo o salão” (22.457), é que Telêmaco e seus assistentes arrastam Melântio pelo pátio até o pórtico e o sujeitam a tortura. No Canto 17, Melântio tenta manter o mendigo estrangeiro fora do palácio, com medo de que ele possa arruinar o banquete dos pretendentes (cf. 17.219f). A punição para o pastor de cabras nas mãos de Telêmaco e seus assistentes enfatiza que, com a morte dos pretendentes, Odisseu retomou o controle de sua casa e a decência dentro dela.

A *Ilíada* fornece um paralelo, embora, por sua vez, emocionalmente carregado, à mutilação de Melântio. Apesar de o poema apresentar muitas cenas em que guerreiros ameaçam ultrajar os corpos de suas vítimas, apenas uma personagem realmente cumpre essa ameaça⁷. Aquiles de fato se empenha a desfilar com o corpo de Heitor em um acesso de cólera tão intensa quanto inexorável (22.394-404, 24.14-18)⁸. Estudos sobre essa erupção da natureza violenta do herói aqueu têm estabelecido que a visão de Heitor vestido com as armaduras que foram de Aquiles ilustra e termina por gerar uma série de reações emocionais em Aquiles. Vendo Heitor diante dele, o herói é confrontado com a visão de si mesmo, o guerreiro que enviou seu querido Pátroclo à batalha. Dessa forma, além de abrigar um ódio visceral por Heitor como o assassino de seu mais querido companheiro, Aquiles sente uma combinação de ódio por Pátroclo ter sido vítima de Heitor⁹, vergonha por ele próprio não tê-lo enfrentado¹⁰, e culpa pela morte de seu amigo¹¹. Aquiles se vê em face de uma imagem do “outro” na qual ele projeta seus sentimentos mais intoleráveis. Esse “outro”, no entanto, é um reflexo literal do próprio Aquiles, uma lembrança visual do erro trágico cometido por ele ao mandar Pátroclo para a batalha¹². Essa interpretação é confirmada pelas próprias palavras de Aquiles quando ele lamenta Pátroclo em 18.82f, “Eu o destruí, e Heitor tomou-lhe a enorme e esplêndida armadura”¹³. As razões de

⁷ Cf. 4.236 (a predição de Agamêmnon de que abutres comerão os corpos dos guerreiros de Tróia); 4.32-36 (o desejo de Hera por devorar Príamo e seus filhos vivos); 24.212-14 (o desejo de Hécuba por enterrar os dentes no fígado de Aquiles).

⁸ O início do clímax desses horrores é a pilha de corpos no Canto 21, que Aquiles abandona no Escamandro para ser devorada por peixes e enguias. Cf. Segal 30ff.

⁹ Ver. G. Devereux, “Aquiles’ ‘Suicide’ in the Iliad”, *Helios* 2 (1978-79) 3-15, esp. 8ff: “A figura que Aquiles encarou era mais do que simplesmente Heitor em pessoa. Era também Pátroclo personificando Aquiles – e, portanto, Aquiles ele próprio. . . Aquiles fizera mal a Pátroclo e estava obstinado e confuso o bastante – como é a condição da maioria dos homens – para sentir ressentimento diante do homem que ele havia prejudicado”.

¹⁰ Ver A. L. Motto e J. R. Clark, “Ise Dais: The Honor of Achilles”, *Arethusa* 2 (1969) 109-25.

¹¹ Ver H. Lloyd-Jones, “The Justice of Zeus” (Berkeley, 1971) 10, 27: “Aquiles sabe que sua obstinação era fruto do destino enviado por Zeus, mas, apesar disso, sente responsabilidade pela morte de Pátroclo. (...) Aquiles sacrifica sua vida não por glória, mas por remorso por sua responsabilidade pela morte de Pátroclo”.

¹² Sobre as dinâmicas de projeções psicológicas em uma cultura de pudor, ver E. R. Dodds, *The Greeks and the Irrational* (Berkeley, 1951) 1-27.

¹³ No decorrer da *Ilíada*, a primeira forma de aoristo de ἀπόλεσα descreve uma destruição violenta, que é regida pelo sujeito do verbo. Quando encontrada em descrições de batalhas, este verbo é mais ativo em sua força do que a tradução “perda” admite. Cf. 1.268 (a

Aquiles colocar suas “mãos assassinas” sobre o peito de seu companheiro (18.316f, 23.17f), da maneira como o faz, sugere, do mesmo modo, que essas mãos são responsáveis pela morte de Pátroclo¹⁴. Encarando Heitor, portanto, Aquiles confronta-se com sua própria imagem, e ao arrastar o corpo de seu arquiinimigo tal atitude se transforma em um exercício de atenuação da sua consciência, direcionada contra um “outro” que é um reflexo de si mesmo.

Com este paralelo como fundo, consideremos Odisseu e Melântio. O que há neste pastor de cabras que o marca na estima de Odisseu para uma punição especial? Se Aquiles vê aspectos intolerantemente negativos de si mesmo em Heitor, é possível que Odisseu tenha uma experiência análoga quando vê Melântio? A primeira sugestão de que Melântio possa inspirar tais associações se dá no encontro inicial de Odisseu com ele. Entrando em seu palácio pela primeira vez depois de vinte anos, o herói encontra Melântio dirigindo um rebanho de cabras de sua própria escolha para ser abatido para o banquete dos pretendentes (17.214). Segue a isso um abuso físico e verbal, à medida que Melântio zomba do esfarrapado mendigo por sua má aparência, chuta-o e ameaça vendê-lo como escravo. O desentendido, compreensivelmente, “enfurece o coração de Odisseu” (17.216). Mas a reação de Odisseu pode ser atribuída para além da rudeza e violência de Melântio. O passado do próprio herói inclui uma experiência em que ele conduziu os bem escolhidos animais domésticos de alguém e sujeitou sua vítima a abuso físico e verbal. Suas ações nesse episódio passado, aliás, foram de uma importância pivotal em selar o destino do seu grupo, bem como pelos sofrimentos que ele suporta agora sozinho em Ítaca.

No Canto 9, depois de escapar da caverna de Polifemo conduzindo os melhores carneiros do monstro (9.425f, 432), Odisseu escarnece do Ciclope que acabara de cegar. É especialmente interessante que os carneiros roubados sejam de uma raça especial, “com lã de violáceos matizes” (9.426), carregando a cor “negro violeta”¹⁵. Cobertos de tal coloração natural incomum, sem qualquer aplicação de tintas, esses animais deviam ser

geração de Nestor destruiu [...] os Centauros); 5.648 (Héracles destruiu [...] Tróia); 5.758 (Ares matou [...] os aqueus); 24.260 (Ares matou [...] os filhos de Príamo); cf também 23.280; *Od.* 9.354.

¹⁴ Segal (490) lê uma responsabilidade semelhante nesta frase em 24.479.

¹⁵ Cf. Theophr. *Hist. PL.*

especialmente valiosos. A lã de tais carneiros aparece, por exemplo, na cesta de prata em que Helena, sentada no esplendor de seu palácio em Esparta, fia com sua roca dourada (4.135). Dada a natureza incomum dos carneiros do Ciclope, o nome de Melântio no Canto 17 pode então ser significativo. Retornando para seu palácio, Odisseu encontra um homem chamado “Flor negra” conduzindo cabras que são a nata do rebanho. Mas roubar animais domésticos e sujeitar o proprietário a abuso físico não basta para esse pastor de cabras. Como Odisseu com Polifemo, o servente itaquense também ofende sua vítima. Vendo nas ações de Melântio uma sombra, por assim dizer, da sua própria conduta com Polifemo, o herói bem pode experimentar o tipo de “flashback” que Aquiles experimentou quando viu Heitor em sua própria armadura. Pois assim como Aquiles encara um reflexo de sua própria culpabilidade com respeito à morte de Pátroclo, Odisseu é agora confrontado com uma lembrança visual do episódio que marcou o início da hostilidade de Posídon dirigida contra ele e seus companheiros. Melântio, em suma, inflige em Odisseu o mesmo abuso e violência que antes ele infligiu no Ciclope. Em Melântio, Odisseu vê o “outro” que oferece um reflexo dele próprio.

Se esta leitura é correta, podemos esperar encontrar indicações no Canto 17 de uma “inversão”, por assim dizer, dos eventos do Canto 9. Se o comportamento de Melântio revê o comportamento anterior de Odisseu, começaria agora Odisseu a se assemelhar a Polifemo? O escárnio de Melântio de fato sugere que, a seus olhos, o esfarrapado mendigo tem as características de um Ciclope: “Se tu mo desses, porque me servisse de guarda à malhada, / para limpar os currais e trazer aos cabritos ervanços, somente à custa de soro far-lhe-ia engrossar as cadeiras” (17.223ff), gaba-se ele a Eumeu¹⁶. A reação de Odisseu à agressão o remete, em seu sofrimento, à natureza do episódio com o Ciclope neste ponto (17.235ff): “Inabalável ficou, refletindo consigo Odisseu, / se se lançasse contra ele e, a pauladas, da vida o privasse, / ou se o jogasse no solo, fazendo saltar-lhe a cabeça”. Ao ser capaz de ponderar a decisão de matar Melântio, Odisseu evoca a

¹⁶ E. M. Bradley, “The Hybris of Odysseus”, *Soundings* 51 (1968) 33-44, encontra paralelismo na estrutura sintática da atrevida afirmação de Melântio em 17.251ff e o escárnio de Odisseu para Polifemo em 9.523ff. Para uma discussão sobre a perícia rústica de Polifemo como leiteiro e fazendeiro, ver N. Austin, *Archery at the Dark of the Moon: Poetic Problems in Homer's Odyssey* (Berkeley 1975) 143-49.

resistência heróica que exibiu quando se conteve de matar Polifemo na caverna¹⁷. Ele freia o “impulso heróico” que o teria impelido a matar o monstro imediatamente. Mas sua segunda deliberação o mostra a considerar uma forma distintamente “ciclopeana” de violência, pois, em 9.288ff, Polifemo, “levantando-se, as mãos estendeu para meus companheiros / e, segurando dois deles, ao solo, qual dois cachorrinhos, os atirou;”¹⁸.

Esses ecos verbais, ocorrendo em contextos curiosamente paralelos, incitam à interpretação de que o encontro de Odisseu com Melântio evoca memórias de seu encontro anterior com Polifemo, um encontro cuja sorte foi desastrosamente manchada pelo orgulho e desatino do herói. É universalmente reconhecido nos estudos clássicos que o escárnio de Odisseu sobre Polifemo e a vaidosa declaração do seu nome, embora profundamente enraizada no mundo dos valores heróicos, é um ato de transgressão (*hybris*)¹⁹. Exultando sua vitória e “esfregando sal”, por assim dizer, no olho ferido do monstro, Odisseu declara sua identidade e desse modo permite a Polifemo invocar a imprecação que resultaria na perda de seus companheiros, longo atraso em sua volta para casa, e subsequente distúrbio dentro de seu próprio lar²⁰. De fato, a situação angustiosa de Odisseu em Ítaca replica a

¹⁷ Sua deliberação por atacar Melântio com seu bordão (17.236f, ῥοπάλαξ) também convida o leitor a recobrar o episódio de Polifemo, onde Odisseu empunha a mesma arma contra seu adversário (9.319).

¹⁸ É interessante notar que cada incidente termina com uma imprecação direcionada contra o autor da violência: a súplica de Polifemo a Posídon em 9.526-35 é paralela à súplica de Eumeu às ninfas em 17.238-46 para punir Melântio. Tanto o Ciclope quanto o porqueiro, ademais, elevam as mãos para os céus à medida que proferem suas imprecações.

¹⁹ Para a *hybris* de Odisseu neste episódio, ver C. S. Brown, “Odysseus and Polyphemus: The Name and the Curse”, *Comparative Literature* 18 (1966) 193-202; Bradley (supra n. 16); K. Reinhardt, *Tradition und Geist* (Gottingen 1960) 47-112; E. Dolin, “Odysseus in Phaeacia”, *GrazBeitr* 1 (1973) 272-82; e N. Austin, “Name Magic in the Odyssey”, *CSCA* 5 (1972) 1-19; contra, S. Olson, “Name-Magic' and the Threat of Lying Strangers in Homer's Odyssey”, *ICS* 17 (1992) 1-7.

²⁰ Para os mais completos e recentes estudos deste episódio a partir de uma perspectiva que interpreta a culpabilidade do herói, inserida em contextos de um impulso heróico que desencadeia sua propensão à *hybris*, ver R. FRIEDRICH, “Heroic Man and Polymetis: Odysseus in the Cyclopeia”, *GRBS* 28 (1987) 121-33, e “The Hybris of Odysseus”, *JHS* 111 (1991: daqui em diante 'Friedrich 1991') 16-28. Odisseu é inicialmente capaz de dominar o impulso heróico, à medida que consegue refrear o impulso de matar Polifemo, mas é incapaz de abandonar sua vítima sem declarar seu nome completo. A ferocidade da artimanha de Odisseu contra o Ciclope é atribuível à completa auto-abnegação exigida pelo ardil do anonimato: o ego heróico não consegue suportar tão intensa supressão, e isso só se reafirma por meio de uma vingança, quando Odisseu se encontra em uma segurança razoável de distância do monstro. A partir desta interpretação, o episódio do Ciclope demonstra que o

situação do Ciclope na caverna. Tanto Odisseu quanto Polifemo entram em suas casas para então encontrá-las invadidas por hóspedes que não foram convidados e que difamam o anfitrião, consomem seus animais domésticos e lhe infligem dano físico²¹. A vitimização de Odisseu por Melântio no Canto 17, portanto, prenuncia o [caracteres danificados] que Odisseu irá suportar à medida que perfaz o estágio final da praga de Polifemo – o [caracteres danificados] que basicamente ele trouxe consigo por meio de sua violência gratuita e desatinada²². O fato de Melântio ser o primeiro ultrajador que ele encontra em Ítaca torna esta cena ainda mais funesta.

Quando Odisseu vem punir Melântio no Canto 22, contudo, ele não se deleita de sua vitória com sadismo. Seu impulso heróico permanece dominado. Esta postura desapaixonada sugere que, neste ponto da narrativa, Odisseu se submeteu a uma mudança em sua atitude que finalmente vai de encontro ao papel que o ser humano assume ao fazer face diante dos seus próprios sofrimentos, bem como o papel assumido por aqueles que finalmente ponderam as punições necessárias. O contraste com sua atitude no Canto 9 é intenso. Lá, o herói se mantém esquecido de sua própria responsabilidade, a despeito das indicações dos homens e deuses de que suas ações expuseram a ele e a seus companheiros a um perigo desnecessário. Enquanto escarnece do Ciclope, Odisseu ouve em vão o rogo de seus homens, “Louco! (9.494) Por que insistir em provocar tal selvagem criatura?”. O comportamento de Odisseu aqui se qualifica como um tipo de [caracteres danificados], que mais tarde ele irá mencionar em sua advertência

ethos que conduz o comportamento no campo de batalha iliádico se torna deslocado dentro do mundo de Odisseu.

²¹ Para estudos do episódio do Ciclope que enfatizam a violação da *xeneia* por Odisseu, ver R. M. Newton, “Poor Polyphemus: Emotional Ambivalence in *Odyssey* 9 and 17”, *CW* 76 (1983) 137-42; N. Austin, “Odysseus and the Cyclops: Who is Who?” em C. A. Rubino e C. W. Shelmerdine, *Approaches to Homer* (Austin 1983) 3-37. Friedrich (1991: 26) considera o herói especialmente híbrido ao se dispor em “testar” (9.174) o grau de civilidade do Ciclope enquanto ele próprio se comporta do modo mais incivilizado.

²² As medidas de Odisseu para se defender e escapar da caverna do monstro não são por si mesmas culpáveis: ver B. Fenik, *Studies in the Odyssey* (Wiesbaden 1974) 210. Mas o herói indulgencia uma violência excessiva, de forma gratuita e mesmo sádica enquanto salva a si próprio. O símile visual que descreve a cegueira de Polifemo indica que, depois de Odisseu destruir sua pupila, ele procede a queimar o olho inteiro até incluir cílios e sobrancelha. Odisseu sujeita sua vítima a um grau de dor desnecessário.

a Euricléia. No Canto 9, contudo, ele permanece cego à sua imprudência²³: “Isso disseram, sem que convencessem meu peito magnânimo” (9.500). Ao reunir o resto de seus homens em uma ilha próxima, o herói sacrifica o carneiro negro capturado a “Zeus das nuvens tenebrosas, que a todos os deuses domina” (9.552). Mas Zeus rejeita as ofertas, uma rejeição que o herói atribui não ao seu próprio desatino delinqüente, mas à malícia do deus: “Zeus já pensava de que modo pudesse destruir meus bem-cobertos navios e os meus companheiros diletos”²⁴. Tal atribuição indica que, a este ponto,

²³ Para a culpabilidade de Odisseu na morte de seus companheiros, contrastar as linhas de abertura do poema com a narrativa subsequente. O poema atribui a morte dos homens da tripulação aos seus próprios desatinos ao devorarem o gado de Hipérion. Mas isso leva em conta apenas a perda dos homens da última embarcação sobrevivente. Os outros onze navios, i.e., algo como 92% da tripulação original, são destruídos pelos lestrigões em consequência do episódio do Ciclope. O desatino dos companheiros de Odisseu é responsável pela perda de apenas 8% do grupo. A maior parte das perdas é atribuída à imprecação do Ciclope e, assim finalmente, à insensatez de Odisseu. Para uma explicação que atribuiria esta discrepância à preferência pró-Odisseu do próprio poeta, ver J. S. Clay, “The Beginning of the Odyssey”, *AJP* 97 (1976) 313-36, e *The Wrath of Athena: Gods and Men in the Odyssey* (Princeton 1983) 9-53.

²⁴ É significativo que, depois de Odisseu declarar seu nome, Polifemo recobre a profecia de Telemo de que ele seria cegado por um homem chamado Odisseu. Os próprios sofrimentos do Ciclope, portanto, são trazidos à tona pelo “destino dos deuses” conforme revelado em uma velha profecia e por suas próprias “ações desditosas” de canibalismo. Odisseu, contudo, toma total crédito pelo destino do monstro e em uma *hybris* arroga para si próprio a justiça de Zeus quando declara “Por teus atos ímpios, (...) Zeus e os mais deuses te castigam” (9.479): ver K. Reinhardt, “Die Abenteuer der Odyssee”, em *Von Werken und Formen* (Bad Godesburg 1948) 85f, seguido de Friedrich (1991: 24), que vê o herói validando arrogantemente seu caráter vingativo e diabólico ao chamar sua atitude de uma expressão do desejo de Zeus. A invocação de Odisseu por Zeus é aqui especialmente desconcertante, à medida que ele comete a primeira infração da *xeneia* sancionada por Zeus, antes de tudo, ao entrar na caverna sem ser convidado e lá dentro providenciar seu próprio banquete. Sua exigência subsequente (9.269ff), para que o Ciclope respeite as leis de Zeus mostrando para seus “hóspedes” a devida reverência, indica que o astuto itaquense sente a liberdade de violar as mesmas e rígidas regras que ele espera que o outro obedeça. Notar especialmente que a própria seqüência de eventos nos ritos da *xeneia* é observada de maneira altamente irônica e, de fato, distorcida: ao retornar para sua caverna, Polifemo pergunta abruptamente (9.251), “Ó, estrangeiros, quem sois?”, cometendo com isso uma ruptura de hospitalidade ao perguntar tal questão antes de convidar seus hóspedes a comer. Na realidade, contudo, Odisseu e seus homens acabaram de comer. A pergunta do Ciclope é ironicamente apropriada, portanto, e atrai a nossa atenção simultaneamente para a falta de modos cometida tanto por Odisseu quanto por Polifemo. É importante para o leitor de Homero manter em mente que a aventura do Ciclope é narrada por Odisseu para uma audiência de anfitriões feacios de quem ele espera receber tantos presentes quanto for possível (cf. 11.355-61). Por esta razão, ele eufemiza seu papel como violador da hospitalidade e se refere deliberadamente à alimentação não-convidada, dentro de uma casa cujo dono estava ausente, com o enganador eufemismo de “sacrifício” (9.231). Poderia ser argumentado que essa descrição embelezadora, sugestiva de pena por meio de um sacrilégio, é em si mesma híbrida: cf. Eur. *Med.* 582. Há um século foi postulado que o “sacrifício” de Odisseu deve ter se tratado de uma oferta de queijo derretido,

Odisseu é um daqueles mortais injuriados com Zeus em sua fala de abertura do poema: “Como ousam os homens nos culparem dos males que sofrem! Através de suas próprias loucuras provocam dores sobre si próprios, indo além do que lhes foi partilhado” (1.32ff).

O comportamento do herói no Canto 22 é notavelmente diferente. Sua explicação a Euricléia de que os pretendentes têm sido destruídos pelo destino dos deuses e por suas próprias ações delituosas (22.413) equivale a uma acurada e precisa tradução do pronunciamento anterior de Zeus. O próprio interesse de Odisseu e os sofrimentos prolongados em consequência do episódio do Ciclope o converteram em um orador para a teodicéia de Zeus. Essa conversão o permite e de fato o compele a interpretar os sofrimentos dos pretendentes, de Melântio, das criadas e, de maneira mais importante, dele próprio sob um novo ângulo. O cabreiro transgressor deve ser punido porque violou as leis de Zeus. Pelo “destino dos deuses”, este homem nasceu um servente e foi então compelido a atender aos pretendentes forasteiros. Através de sua própria “ação delituosa”, contudo, ele sujeitou seu patrão a um abuso verbal e físico gratuito. Odisseu não pode, portanto, exultar ou mesmo reivindicar créditos pela punição deste homem. Fazer conforme tal seria, como ele diz a Euricléia (22.412), um sacrilégio, uma

pelo qual, é claro, não há qualquer evidência em todo o mundo antigo: ver W. W. Merry, *Homer: Odyssey I* (Oxford 1899) 106. Essa estranha interpretação foi novamente proposta, dessa vez na sólida e persuasiva leitura de Friedrich (1991: 26f; supra n. 20: 128). O texto homérico também seria notavelmente “odisseano” se sugerisse, sem declarar explicitamente, que o herói sacrificou e comeu uma das ovelhas do monstro: ver Newton (supra n. 21) 140. A violação de Odisseu na caverna do Ciclope, portanto, seria idêntica ao tipo de violação dos pretendentes no palácio de Ítaca: os pretendentes e Odisseu, de modo semelhante, permitem-se usufruir, sem serem convidados, de uma abundância disponível de carne. Ao final, talvez, permanece incerto o que exatamente o herói comeu na caverna. Sua ofensa contra a *xeneia* se dá por esta invasão do lar do monstro e seu subsequente esforço ardiloso por manipular as leis e o protocolo da *xeneia* para sua própria vantagem. Isso se deve em grande parte, eu suponho, ao endossamento de Zeus à ira de Posídon. O comportamento de Odisseu ultraja mais de uma divindade, mas seu abuso da *xeneia* sancionada por Zeus o marca para ser punido pelo próprio deus que garante a santidade das relações entre hóspede e anfitrião. Como os pretendentes em Ítaca, Odisseu é o primeiro injuriador na troca de incivildades na caverna do Ciclope e, como os pretendentes, ele deve pagar por tal crime. Para expressões da noção arcaica de justiça, que dita que o primeiro injuriador deve ser punido, ver cf. *Il.* 4.234-39; *Hes. Th.* 166, 172; *Op.* 265-72; *Archil.* 66D; *Aesch. Cho.* 123. *Od.* 20.394 expressamente afirma que os pretendentes foram selecionados para serem punidos “desde que foram os primeiros injuriadores da propriedade”.

apropriação de algo que por direito pertence aos deuses²⁵. Odisseu é meramente o agente, não o autor, da morte agonizante de Melântio²⁶. Se não tivesse aprendido com seus erros, poderíamos esperar vê-lo descarregando sua bÍlis enquanto punisse Melântio, prolongando a tortura e afirmando sua identidade heróica ao homem que o caluniou. Mas Odisseu, como já foi notado, sequer põe em prática a execução: ele discretamente delega o trabalho a seu filho e aos leais serventes, de tal maneira que os pesquisadores têm questionado se ele de fato autorizou tal execução. Assim, tanto a execução de Melântio quanto a maneira pela qual ela é realizada atestam a profundidade da conversão de Odisseu. Ao escolher esse réu, cujas ações espelham as suas próprias ações, Odisseu pune seu próprio desatino e irresponsabilidade anteriores, expurgando o lado transgressor de seu caráter que ultrajou os deuses. Além disso, ao distanciar-se de seus atos de justiça, atribuindo autoria, por assim dizer, ao destino divino e à criminalidade da própria vítima, Odisseu dá o testemunho mais crível possível da teodicéia de Zeus²⁷. Como recentemente argumentado (Friedrich 1991: 27), Zeus pune e disciplina o herói transgressor para seu próprio bem a fim de prepará-lo para as ameaças que o aguardam em seu retorno ao lar. O maior projeto de Zeus é a restauração da ordem da justiça em Ítaca através das ações punitivas do

²⁵ Cf. a elegante tradução de Fernandez-Galiano ad 22.413: “It was destiny, not I, who brought death upon them, and their own wickedness” [“Foi o destino, não eu, quem trouxe a morte sobre eles, e sua própria iniquidade”].

²⁶ É razoável supor que, não tendo Melântio atacado Odisseu no Canto 17, ele teria sido morto junto dos pretendentes por uma das flechas de Odisseu ou talvez na companhia das criadas traidoras. O fato dele ser separado sozinho para ser torturado longe do seu grupo pondera o abuso ao qual ele sujeitou Odisseu fora do salão. Assim como Melântio é o primeiro itaquense a atacar Odisseu, ele também é, mais adiante, o último a ser executado. O destino do pretendente Ctesipo revela um tipo semelhante de justiça poética: ele, que arremessou uma pata de vaca no mestre do palácio (20.299-302), é morto por uma flecha do arco de um vaqueiro (22.287-91).

²⁷ É relevante para esta discussão que Zeus ilustre a declaração de sua teodicéia no Canto 1 com o exemplo de Egisto, o único outro indivíduo no poema cujo corpo é violado. Em 3.259ff Nestor reporta que o corpo de Egisto foi deixado vivo em um campo fora dos muros da cidade, para ser devorado por aves e cães e não ser pranteado pelas mulheres aquías. A recusa de Egisto por considerar os alertas de Hermes (1.42) se emparelha à recusa de Odisseu em dar atenção aos alertas de seus homens para não escarnecer o Ciclope (9.228). Segal (15) argumenta que a mutilação de Egisto não evoca ultraje ou horror na audiência de Homero, à medida que este homem é “um adúltero traiçoeiro, assassino, [e] regicida”. O agente dessa transferência *causa mortis* é o jovem Orestes, que é apresentado no decorrer do poema como o veículo necessário e imparcial da morte de Egisto. Tal como Melântio e Egisto parecem retalhos de um mesmo tecido, também seus vingadores pertencem a uma peça em que, efetivamente, atuam sem um engajamento emocional aparente.

retorno do justiceiro, [caracteres danificados]. Seus sofrimentos durante o plano o fazem experimentar os limites e os compromissos inerentes ao herói, e que, ao final, irão habilitá-lo a ver em perspectiva [caracteres danificados]. Odisseu, disciplinado por seus sofrimentos, irá superar o desequilíbrio em seu caráter.

Ao final, portanto, o argumento de Stanford está correto: Odisseu é de fato bem integrado, auto-centrado, e totalmente hábil em controlar paixões conflitantes. Mas nem sempre fora. Ele aprendeu e adotou essas qualidades virtuosas como resultado de seus sofrimentos. Segal está provavelmente correto ao ver a execução de Melântio como uma anomalia na tradição épica. De fato, a anomalia agora parece ser central para a estratégia poética de Homero²⁸. Ao apresentar um tipo de cena onde tradicionalmente o herói

²⁸ A cena final do poema, em que Odisseu encerra uma sangrenta batalha contra os parentes dos pretendentes assassinados, então em busca por vingança, sublinha a dificuldade que este herói convertido encontra em sustentar sua posição como um porta-voz da justiça de Zeus. Tem sido sugerido que essa recaída violenta ao final do poema é um sinal do caráter alternante e essencialmente indefinível do herói, por si próprio uma manifestação das constantes aberturas, encerramentos e a “indeterminação” do poema: ver S. Schein, *Reading the Odyssey: Selected Interpretive Essays* (Princeton 1996) 30f. À medida que sugerem suas errâncias subseqüentes, prenunciadas por Tirésias no Canto 11, este herói nunca está completamente “terminado”: ele está para sempre “em processo”, permanentemente politrópico. Mas a aparente inconsistência apontada pela cena final do poema também poderia ser atribuída ao fato de que velhos heroísmos dificilmente morrem em sociedades tradicionais: as tentações para regressar podem se provar irresistíveis. De fato, não apenas os homens mas também os deuses permanecem propensos a excessos contraprodutivos. Os parentes dos pretendentes, mobilizados pela exaltação de Eupites, desprezam o sábio alerta de Haliterses para que não busquem vingança contra Odisseu. “Por nossos crimes”, lembra-os o profeta (24.454-62), “agora tudo isso se deu”. De maneira semelhante, Atena não consegue cumprir com o desejo expresso de seu pai (477-86) de que uma anistia seja declarada de modo que a paz e a prosperidade possam mais uma vez reinar em Ítaca. A despeito da linha de ação recomendada por Zeus, a deusa permanece obstinadamente ávida por batalha (487), tal como os itaquenses ignoram o profeta e dão cego apoio ao desatino violento (469) patrocinado por Eupites. Odisseu responde com júbilo e entusiasmo (504) quando Atena o exorta a se preparar para a batalha, e desafia Telêmaco a mostrar sua coragem heróica. No massacre, Odisseu berra seu grito de guerra e se precipita como uma águia sobre o inimigo (536f), demonstrando que ainda é capaz de se engajar e ter prazer pelo velho heroísmo. Mas sua reação ao raio final, que Zeus arremessa aos pés de Atena, também é reveladora. Em resposta à ordem da deusa por propor uma trégua, “alegremente, Odisseu o conselho de Atena seguiu” (545). Zeus de fato supervisiona o cosmos, e seu raio é necessário para os homens e os deuses se lembrarem de que o seu dever final é apoiar as leis de Zeus. Uma distinção importante, como enfatiza Fernandez-Galiano (417), é que o “raio de Zeus não é direcionado a Odisseu, então embriagado pelo sucesso, mas (diferente da passagem modelo em *Il.* 8.130-36, onde ele alerta Diomedes) a Atena, para lembrá-la do seu dever”. Se uma deusa precisa de tal lembrete, tanto mais um herói mortal. O ponto forte de Odisseu repousa, portanto, não tanto na expurgação de suas paixões quanto em sua habilidade de controlá-las e balanceá-las em um mundo heróico supervisionado por Zeus. Ele ainda experimenta um jubiloso excitação em batalha, mas seu

vingativo se satisfaz por meio de uma brutalidade selvagem e orgulhosa, o poeta sublinha o feito surpreendente de Odisseu, cujo sangue-frio é ainda mais impressionante dentro de um contexto tradicionalmente associado a uma crueldade heróica mas também excessiva e censurável²⁹. A demonstração de autocontrole do herói dentro de tal tipo de cena traz seu lado atípico para a mais alta redenção possível. O Aquiles iliádico oferece o contraste mais informativo. Sua mutilação do corpo de Heitor indica que esse herói furioso ainda não alcançou o estado de integração de Odisseu. Aquiles, cruamente fresco em sua dor e ainda sujeito a paixões conflitantes, satisfaz seu apetite por crueldade gratuita como um passo em sua jornada em direção à aprendizagem e aceitação dos caminhos dos deuses. Somente no Canto 24 esse herói, chorando ao lado de Príamo, articula uma nova sabedoria encontrada, de que nenhum mortal é isento do infortúnio da urna de Zeus.

O fato de que Odisseu tenha agora aprendido e aceitado os caminhos de Zeus é indicado, contudo, mais do que por suas palavras a Euricléia. Sua explicação à criada é acompanhada por um gesto ao modo de Zeus. Ele pede a ela para acender o fogo, de modo que ele possa desinfetar o palácio. À medida que ele segue de quarto em quarto, o cheiro de carniça que permeou a casa é eliminado pela fragrância do fogo e do enxofre, o cheiro do próprio raio de Zeus³⁰. Esse herói de fato aprendeu através de seus sofrimentos. Assim que ele proíbe Euricléia de se exaltar, ele próprio não se permite se

comportamento nesta cena não toma um viés híbrido: apenas em resposta à sugestão de Atena ele se arrisca. No decorrer desta cena, portanto, ele permanece obediente àquilo que percebe como desejo divino. A princípio, o desejo de Atena está em desigualdade com o desejo de Zeus, mas, ao final, o raio alinha seu desejo com o do pai. Ao lugar de todo o prazer que Odisseu sente ao lutar, mais adiante ele sente um prazer mais saudável e profundo por observar os sinais de Zeus. Ele pode se alegrar por obedecer ao pedido de Zeus para cessar a batalha, pois qualquer pressuposto de vitória ao final da batalha pertenceria, em última instância, ao deus, cuja causa cósmica o herói serve.

²⁹ Para um estudo sobre cenas típicas e uma classificação geral de tipos, ver M. W. Edwards, "Homer and Oral Tradition: The Type-Scene", *Oral Tradition* 7 (1992) 285-330; ver também J. M. Foley, *The Singer of Tales in Performance* (Bloomington 1995) 164-80, e seu *Immanent Art: From Structure to Meaning in Traditional Oral Epic* (Bloomington 1991) 1-60; B. Fenik, *Typical Battle Scenes in the Iliad: Studies in the Narrative Techniques of Homeric Battle Description* (=Hermes Einzelschriften 21 [Wiesbaden 1968]), e seu estudo sobre "duplos" (supra n. 22) 133-232.

³⁰ Cf. 12.415ff: Zeus atira seu raio sobre os sobreviventes da tripulação depois da profanação e consumo do gado hiperiônico, e o cheiro de fogo e enxofre preenche o ar. Para uma interpretação do episódio da Trinácia como validade, e não contradição, à teodicéia de Zeus, ver R. Friedrich, "Thrinakia and Zeus' Ways to Men in the *Odyssey*", *GRBS* 28 (1987) 375-400.

envolver em um comportamento sacrilegioso quando agora sabe o que trouxe a morte de todos esses homens. Ele também compreende que os sofrimentos que ele suportou pelos últimos dez anos são atribuíveis não ao acaso malicioso da parte dos deuses, mas à combinação do destino divino e seus próprios feitos imprudentes³¹. Não há mais lugar para o velho Odisseu. Seu passado negro e iníquo – Melântio – está morto, já se foi, e ninguém ri ou chora por isso³².

³¹ Pode ser mais preciso reivindicar que o “destino dos deuses” determinou Odisseu a alcançar Ítaca (ct 1.65; 9.532-35), mas que a distância e a dificuldade da jornada são trazidas por sua própria imprudência. Em 5.41f, Zeus revela que: “Ihe reserve o Destino rever os amigos, e a casa de alto telhado voltar, assim como ao torrão de nascença”; Em 5.205-10, Calipso prediz que muitos infortúnios o aguardam em sua jornada de volta para o lar. Embora toda jornada seja provida de penas e transtornos, Odisseu encara uma jornada particularmente difícil por causa de suas próprias ações.

³² O autor expressa sua gratidão a S. Douglas Olson da Universidade de Minnesota, Twin Cities, por ler uma primeira versão deste estudo e oferecer proveitosas sugestões.